

As posições de sujeito e o caboclo: o homem amazônico idealizado

Prylla Alexandra Pedraça de Araújo Lima
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O imaginário do homem do rio, a vida ribeirinha, o olhar do caboclo sobre seu próprio mundo são alguns aspectos que podem ser observados na análise da obra *Romanceiro*, do escritor amazonense Elson Farias. Em seus poemas narrativos, o autor explora as riquezas amazônicas, dá vida ao caboclo, enaltecendo a subjetividade e a identidade representada nas descrições dos hábitos, cultura, enfim, no modo de vida do homem amazônico. O trabalho se propõe a realizar análise sobre o modo singular pelo qual o caboclo é retratado nesta obra de Farias, considerando a presença do sujeito amazônico.

Palavras-chave: Caboclo; *Romanceiro*; Análise de discurso.

Abstract

The imaginaries to river man, the life on the forest, the life to the forest man and about the world on the Amazon are aspects that can be looked in the book *Romanceiro*, to amazonian whiter Elson Farias. The study worked to analyse the culture, habits and the life style of the amazonian man.

Keywords: Amazon man; *Romanceiro* book; discourse analyses.

Introdução

Como pensar a partir do olhar do caboclo? Elson Farias, em sua obra *Romanceiro*, apresenta uma via alternativa de análise, sendo perceptível, nos poemas narrativos que compõem a obra, a presença do sujeito amazônico.

Chamo de sujeito amazônico ao sujeito representado nos vários discursos das ciências humanas sobre o indivíduo interpelado que habita essa região e que, portanto, é chamado a se identificar, a ocupar um lugar, a se representar, a se ver representando nesses vários discursos (MARTINS, 2005, p. 6).

Assim sendo, o homem amazônico retratado na obra *Romanceiro* é idealizado? O eu-lírico é realmente apenas reprodutor do ideário amazônico ou a sua intenção é reforçar medos e a despreocupação com a política partidária? O que realmente caracteriza o caboclo nesta obra? O que o faz ser da terra e quem pode afirmar isso? Estas e outras indagações elegeram a obra de Elson Farias para compor este trabalho. Vale ressaltar que Foucault trata de “posições de sujeito”. Em outras palavras, “o sujeito do discurso não é uma pessoa, alguém que diz alguma coisa; trata-se antes de uma posição que alguém assume, diante de um certo discurso” (AMARAL, 2013, p.134).

Elson Farias e a Obra *Romanceiro*

Em 11 de junho de 1936 nasce em Roseiral, Itacoatiara, interior do Amazonas, Elson Farias, escritor que é um dos mais representativos poetas da literatura amazonense e um dos principais membros do Clube da Madrugada.

O *Romanceiro* reúne os poemas dos livros *Estações da Várzea*, *Ciclo das Águas*, *Barro Verde e Três Episódios do Rio* com outros romances publicados entre os anos de 1961 a 1966. Segundo Farias (1985), a reunião em um só volume se deu a partir da consideração de constituírem uma unidade, revelando a vida do homem amazonense e sua fantasia.

Os seus poemas mostram realmente a vida do homem da Amazônia, que luta com as águas dos imensos rios, entretanto sempre vencendo as intempéries da vida e das águas. Arthur Reis, no prefácio de *Ciclo das águas* (1966), diz que Farias “afirma-se, com maior intensidade e maior conteúdo de beleza, como a figura de maior categoria entre as figuras novas da geração que promove a revolução intelectual em nossa terra.” E essa revolução não é falha em dignidade cultural, valores, em sugestões.

O Caboclo

Apesar de não ser a intenção deste trabalho discutir terminologias, é necessário lembrar o que é o caboclo. Martins (2005, p. 6) aponta que Eduardo Galvão “define o caboclo como ser biologicamente híbrido entre o índio e o branco europeu; forjado pelas influências sociais e culturais da cidade da aldeia, incluindo o mestiço, o português, o nordestino, os índios destribalizados e os trabalhadores rurais”.

André Vidal de Araújo, por sua vez, focaliza as características físicas, psicológicas e as qualidades do homem amazônico e, portanto, irá complementar a análise desse sujeito retratado na obra *Romanceiro*.

Com relação à linguagem do inconsciente, podemos dizer que, em parte, ela é percebida nos poemas narrativos de Elson Farias, pois

aquilo que a sociedade nos impede de exprimir, aquilo que a linguagem tem de vivo e de pessoal e que é sufocado pelos estereótipos e pelos lugares-comuns, encontra no inconsciente um caminho aberto. Freud mostrou que o inconsciente faz com que sua voz seja ouvida em todas as mensagens que escapam ao nosso controle: lapsos, atos falhos, sonhos, loucura. Aquilo que desejamos e que foi encoberto pelas convenções sociais se exprime numa nova linguagem, obscura, simbólica, dificilmente decifrável, mas profundamente verdadeira. (...) Do inconsciente brota uma fala que não controlo, que procede de um eu que me é estranho, mas que me determina mais seguramente do que o eu que penso conhecer (VANOYE, 2003, p. 280).

Portanto, é possível contemplar a realidade do ribeirinho, caboclo, homem amazônico pelo ângulo de Elson Farias, afinal, segundo Orlandi (1999/2000, p. 42-43), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”.

O Homem Amazônico na Obra *Romanceiro*

Olhar o homem amazônico sob a perspectiva do caboclo é instigante porque é uma nova visão tanto da vida, quanto do trabalho. “Na Amazônia o homem é remador, mariscador, pescador. A mulher é roceira. (...) o calor deu ao caboclo a calma e a passividade que o caracterizam” (ARAÚJO, 1956, p. 70). Estes trechos corroboram a assertiva:

Remava porque remava,
vivia porque vivia,
só vivia se remava,
remando a vida o temia.

(Romance do afogado, FARIAS, 1985, p. 19)

Na proa do barco abertos
hástea e músculos se aviavam,
nem o homem nem o arpão
se distinguiam um do outro.

(Romance do pescador silencioso, Ibid, p. 39)

Araújo (1956) afirma que o homem, na Amazônia, é um herói tranquilo. Além disso, tem excelentes qualidades, tais como: ser resistente, calado, persistente, calmo, resignado, baixo, pacato, valente, filósofo, enfim, tem um caráter determinado ou consequente do ambiente geográfico. O trecho abaixo salienta as ponderações de Araújo:

Não há pescador sem sorte
nesse tempo de fartura,
os mais panemas se jactam
de pescadores de fama.
Peixe que ferve no fundo
vem à tona respirar,
linguagem de escama e limo
que o vento destroça no ar.

(Romance dos dias de friagem, Ibid, p. 54, *grifo meu*)

Como podemos perceber, o caboclo é um bom pescador, bom caçador, porém mau agricultor. Segundo Araújo (1956), entre os seus hábitos estão o madrugar, a seringa, a castanha, o pau-rosa, a cachaça, dentre outros. Observe na obra:

Detrás de todos os galhos
as corujas nos espiam
ferrando os olhos insones
que no escuro mais se afiam.

(...)

Recostado à seringueira
de tronco ferido em V,
teme o homem de arma em punho,
treme sem saber de quê.

(Romance do medo-de-nada, Ibid, p. 41)

E, ainda, no “Romance do Afogado”:

Bebia toda a quinzena
de cachaça – bicho forte!
era um homem que vivia
de *peito aberto pra morte*.

(Ibid, p. 19, *grifo meu*)

De acordo com Araújo (1956), o caboclo é moral e materialmente vigoroso. Ele aponta que

O homem da Amazônia é um herói, um forte, sob todos os pontos de vista. Na trama de seu biótipo, na amálgama de seu tipo, na mestiçagem de seu todo, ele traz qualidades admiráveis de inteligência, de valor para construir uma grande civilização no ambiente de que dispõe (ARAÚJO, 1956, p. 74).

Relações Obra x Análise do Discurso

Baseando-se na Análise do Discurso de linha francesa (AD), o discurso é o espaço onde a ideologia se materializa e se manifesta, produzindo sentidos para e entre seus sujeitos. Logo, a AD fundamenta-se como o estudo da linguagem enquanto "lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade" (BRANDÃO, 1991/1997, p. 12).

Segundo Foucault (1986, p. 135), discurso é “um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. Além disso, ele também afirma que “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele

diz (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode ou deve ocupar todo indivíduo para ser o seu sujeito” (FOUCAULT, 1986, p.119-20). É por isso que não propomos a análise do escritor Elson Farias, mas sim do sujeito amazônico retratado na obra.

De acordo com Althusser (1985/1998, p. 82), a ideologia expressa "sempre, qualquer que seja sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), posições de classe" e, portanto, a reprodução ou a perpetuação das relações de exploração/produção, por meio de aparelhos ideológicos e repressivos do Estado.

Segundo Agra,

[...] a ideologia interpela indivíduos como sujeitos, isto é, a fim de assegurar seu funcionamento, ela promove o assujeitamento do sujeito enquanto sujeito ideológico que, com a impressão de estar exercendo sua própria vontade, acaba sendo conduzido por ela. A ideologia caracteriza-se, enfim, por sua dissimulação no interior de seu próprio funcionamento, colaborando na constituição do sujeito e na produção dos sentidos (AGRA, 2010, p.6).

Dessa maneira, o homem amazônico retratado na obra *Romanceiro* é idealizado? Por um lado, sim, pois as descrições remetem a um isolamento, a um homem que não sofre com a pobreza, miséria, ele simplesmente aceita a sua condição de ribeirinho sem questionamentos e faz poesia de sua vida. Olhando por outro ponto de vista, percebe-se uma crítica mascarada, mas profunda, ao descaso do governo para com o Brasil rural. Esse caboclo não tem outra saída a não ser transformar em poesia o seu cotidiano, suas tristezas e dificuldades.

Podemos dizer, a partir de então, que o autor é realmente reproduzidor do ideário amazônico, entretanto os discursos que daí emergem são infundados, principalmente ao considerar os fragmentos de André Araújo que em 1956 já falava desses elementos caracterizadores que são importantes para a história e afins, porém a republicação da obra “Introdução à Sociologia da Amazônia”, em 2003, com o mesmo discurso da vida pacata, do caboclo sem voz, com a mera descrição de características transmite a ideia de que ninguém precisa olhar pelos caboclos interioranos porque eles têm o modo de vida deles e não necessitam de nada além disso.

Conclusão

O sujeito amazônico descrito na obra de Elson Farias, apesar de idealizado, traz o questionamento a respeito do ser caboclo. A maior parte das dificuldades retratadas nos

poemas narrativos refere-se ao rio. Vários pescadores disputam um lugar nele, pois, como já foi dito, pescam e caçam bem, porém a maioria passa por dificuldades financeiras. A tempestade quando vem não afunda somente os pequenos barcos, mas também derruba casas, deserda filhos, destrói famílias. O sujeito que se posiciona nesta obra não é simplesmente o que mostra o ideário amazônico, mas ele denuncia a pobreza, a miséria, o vício, enaltecendo esse herói sem nome que vence as dificuldades que a vida lhe impõe.

Araújo, por sua vez, descreve o caboclo de uma forma tão distante, com um discurso tão político, que é nítido, como diz Althusser, que a ideologia expressa sempre posições de classe. Portanto, baseando-se nisso, percebemos como uma obra pode ser um meio dos aparelhos ideológicos e repressivos perpetuarem as relações de exploração/produção. Afinal, os elementos caracterizadores do caboclo em 1956 foram novamente enfatizados com a republicação da segunda edição da obra, apoiada pelos dois maiores poderes, ignorando as denúncias feitas no decorrer de 47 anos, visto que a republicação se deu em 2003. Logo, é nítido o descaso para com o Amazonas, e principalmente para com o interior.

Olhar a vida do caboclo a partir da perspectiva dele nos faz ver o quanto reproduzimos um discurso aparentemente superior, considerando o homem amazônico, caracterizado aqui, um alguém distante, porque mora a alguns dias de barco da capital. É como se não precisássemos nos preocupar com ele porque tem a vida dele, o momento dele, enfim, muito distante.

Reportagens de tráfico de drogas pelo rio, índios revoltados cobrando pedágio, a falta de perspectiva de vida, são algumas situações que fazem as pessoas voltarem-se contra os interioranos, não sendo capazes de olhar a situação socioeconômica catastrófica instalada na maioria dos interiores do Amazonas, principalmente com relação ao tráfico. Esta é uma forma dos aparelhos ideológicos e repressivos do Estado de nos fazer esquecer que a responsabilidade de promover a dignidade ao cidadão também é nossa, e, portanto, cabe a nós cobrar dos governos medidas mais eficazes e não admitir o seu descaso para com o nosso caboclo, e principalmente nosso povo.

Referências

AGRA, K. L. O. A mídia e o sujeito amazônico: da alteridade ao hibridismo. Revista Labirinto. Dossiê: A construção do Sujeito Contemporâneo: Perspectiva para a Amazônia - parte I. Ano X, nº 13, Ago. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/912/901>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

ALTHUSSER, L.(1985). Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Trad. De Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro (1988). Rio de Janeiro: Edições Graal.

AMARAL, Luciano. Estudos do discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial. 1 ed. 2013.

ARAÚJO, André Vidal de. (1956). Introdução à sociologia da Amazônia. 2 ed. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade do Amazonas. 2003.

BRANDÃO, H. H. N. (1991). Introdução à análise do discurso. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

FARIAS, Elson. Ciclo das águas: poemas. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; prefácio de Arthur Cezar Ferreira Reis. 1966.

FARIAS, Elson. Romanceiro. Manaus: Edições Puxirum, 1985. 103 p.

FOUCAULT, Michel. (1986). A Arqueologia do saber. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense.

MARTINS, L. C. O Norte apagado: algumas formas de materialização discursiva do silenciamento do indígena e do caboclo da Amazônia brasileira. Trabalho apresentado no simpósio “Discurso” do II Seminário de Análise de Discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ORLANDI, E. P. (1999). Análise de discurso: princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

SILVA, M. A. S. M. Sobre a Análise do Discurso. Revista de Psicologia da UNESP. Ourinhos, São Paulo: FATEC. 2005. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/30/55>>. Acesso em 25 fev. 2015.

VANOYE, F. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 12 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.